Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES (*)

"Entre esses padres do povo, vêm os missionários errantes, dos quais Ibiapina, avultando por um tirocínio mais longo e por uma ação mais pura, original e brilhante, é, sem dúvida, o maior do Nordeste. Antes dele não temos à vista nenhum que se lhe pareça. Não nos consta, depois, outro com tão ardente e exclusivista vocação de apóstolo e educador."

Celso MARIZ (1942: VIII)

"O Padre-Mestre caminhou pela alma dos homens... (...) Padre-Mestre é o seu grande e sonoro título ritual. A pé, a cavalo, carregado em rede quando aleijado, o Pregador das Missões, o Evangelizador do Sertão, semeou a palavra de Deus, erguendo capelas, cemitérios, Casas de Caridade, Recolhimentos. Atravessou as secas e as epidemias em plena coivara acesa. E, em quatro Províncias, imprime o vestígio do seu nome no coração de todas as lembranças."

Luís da Câmara CASCUDO (1940)

"Sob certos aspectos genial, parece ter sido Ibiapina. Mas dos gênios incompreendidos de que muito se fala e que na verdade existem, embora em número reduzido. Incompreendido tanto pelos bispos como pelos particulares ricos do seu tempo... (...)

Sua concepção de família - mesmo de família espiritual - era a democrática, em que mulheres participassem da direção da casa e o trabalho se fizesse sem auxílio de braço escravo. O que parece indicar que o grande missionário trouxe para o Catolicismo brasileiro do seu tempo tanto sua experiência democrática de família numa província já então quase livre da economia escravocrata e do patriarcado absoluto como o Ceará - a província, por excelência, do mutirão - como as lições recebidas, no Curso Jurídico de Olinda, de mestres impregnados de novas idéias..., "idéias do século XIX" que ele desejaria ver triunfantes sobre "antigos prejuízos que não podem casar com o nosso systema liberal"."

Gilberto FREYRE (1951: 90-95)

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

«O maior milagre de Ibiapina foi o de conseguir uma relativa e passageira organização do povo nordestino atomizado e desarticulado pelo cataclismo do colonialismo.

Este milagre foi apenas passageiro por falta de compreensão por parte do clero, que não entendeu a organicidade da atuação de Ibiapina e se deixou seduzir por modelos pastorais importados da Europa, sem prestar atenção ao que era possível aqui, no Nordeste, concretamente.

Eduardo HOORNAERT (1981: 11)

O Percurso de Ibiapina

Devo confessar desde logo que não sou propriamente aquilo que se poderia chamar um especialista na vida e na obra do Padre Mestre Ibiapina. Sequer me assiste alguma especial competência para falar com larga segurança sobre o tema. Apenas, na qualidade de observador interessado dos fatos ou ocorrências do País e de modo mais particular daqueles que se circunscrevem ao Nordeste e ao Ceará, pretendo dizer algo aqui sobre o tema em foco, numa perspectiva que pode ser identificada com a de uma **antropologia histórica**, sem exclusividade de aproche. Aliás, delimitar esses lugares sociais e epistêmicos de onde costumo produzir a minha fala pode até parecer, no caso, descabido ou excessivo diante do caráter sumário que pretende ter este curto ensaio.

Mas quem foi Ibiapina, essa matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo (Antônio Vicente Mendes Maciel, Padre Cícero, Beato Lourenço, etc.), instituindo nos sertões nordestinos da segunda metade do século XIX uma grande escuta dos anseios e aflições de larga massa de excluídos, e inaugurando uma forma de organização que a nossa civilização litorânea dominante teimará em não aceitar e até em hostilizar ou destruir sistematicamente quase todas as suas manifestações? Dou abaixo um esboço de resposta, recompondo a largos traços a sua trajetória.

Filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus, nasceu José Antônio Pereira Ibiapina a 5 de agosto de 1806, em São Pedro de Ibiapina, região de Sobral, no norte da Província do Ceará, e morreu em sua residência ao lado da Casa de Caridade de Santa

Fé, na Paraíba, a 19 de fevereiro de 1883. O «Ibiapina» foi uma homenagem do pai ao vilarejo que o acolheu nos primeiros anos de seu casamento, por isso decidiu apor o nome do local ao patronímico dos filhos. Ibiapina é o terceiro filho do casal e o primeiro a portar esse sobrenome.

Vive parte de sua infância na cidade do Icó, para onde migraram os pais, já que o chefe da família fora nomeado tabelião, aí permanecendo até 1819, quando foi removido para o Crato, aí residindo até 1823. Em 1820, Ibiapina foi para Jardim, cidade da região, onde freqüenta a aula de latim do mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Em 1823, acompanha os pais que se mudam para Fortaleza. E é mandado logo em seguida para Olinda, destinado ao seminário e ao sacerdócio. Ibiapina, porém, constrangido pelo ideário racionalista e revolucionário do Seminário de Olinda, retira-se daí e vai viver no Convento da Madre de Deus, dos padres oratorianos, no Recife.

O pai de Ibiapina, que fora contrário à revolução de 1817 e até concorreu para o contragolpe de Pereira Filgueiras, abraça agora ardorosamente a revolução de 1824 (Confederação do Equador), adotando por nacionalismo o apelido de "Ibiapina" que dera ao filho. Derrotada a revolta, é preso, condenado e fuzilado, em 1825, junto com o Padre Mororó. Era Presidente da Província, então, Pedro José da Costa Barros que foi duro com os insurgentes. O irmão mais velho de Ibiapina, Raymundo Alexandre, que também participara, teve degredo perpétuo no presídio de Fernando de Noronha, onde morre tragicamente.

Ibiapina deixa o convento e retorna ao Ceará para cuidar dos irmãos menores, pois por esse tempo a mãe já havia morrido de um parto prematuro. Martiniano de Alencar, revolucionário de 1817, que o pai de Ibiapina combatera, veio em ajuda de sua família. Com o auxílio recebido, retorna algum tempo depois ao Recife com os irmãos, voltando a estudar no Seminário de Olinda, enquanto isso reside no mosteiro de São Bento.

Instalado o Curso Jurídico em 1828, nele se matricula José Antônio Pereira Ibiapina e o conclui com a primeira turma de bacharéis de Olinda em Ciências Sociais e Jurídicas, em 1832. No ano seguinte, por decreto da Regência, de 1º de fevereiro de 1833, foi

nomeado lente substituto, presta juramento a 27 de março e passa a ensinar Direito Natural no curso, que ainda era instalado no convento beneditino fiquei. Na vida acadêmica, ele fora colega de Eusébio de Queiroz, Nunes Machado e Figueira de Melo (cearense) e foram seus alunos, entre outros, Zacarias de Goes e João Felício Vanderley (depois Barão de Cotegipe). Em pleno exercício do magistério, recebe a notícia de que fora eleito Deputado Geral pelo Ceará, tendo sido o candidato mais votado, para a legislatura de 1834-1837. Era o tempo do governo de Feijó, na Regência, quando os liberais moderados, a que era filiado na província, dominavam com o 7 de Abril. Ainda no final deste ano, por Carta Imperial de 13 de dezembro, fora nomeado Juiz de Direito da recém-criada comarca de Campo Maior (Quixeramobim) da província do Ceará.

Contudo, tendo prosseguido o seu ensino até o final do ano letivo quando então pede demissão, no que foi atendido pelo Decreto da Regência de 20 de dezembro de 1833, outro golpe veio atingir a vida de Ibiapina: regressando à sua Província com o intento de casar-se com sua noiva Carolina Clarence de Alencar, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o chefe confederado de 1824 e sobrinha do Padre Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar - Carolina fugira antes para casar com um primo. Mesmo nesse estado de profunda frustração amorosa, Ibiapina viaja imediatamente para o Rio de Janeiro, com bastante antecedência, a fim de assumir as funções de Deputado, na 3ª Legislatura da Assembléia Geral do Império, cuja posse só ocorrerá no dia 2 de Maio de 1834.

Encerrada a sessão legislativa daquele ano, Ibiapina retorna ao Ceará para assumir por três meses (final de 1834 a março de 1835) o cargo de Juiz de Direito de Quixeramobim, um ano após ter sido nomeado. Nessa ocasião, Ibiapina vai visitar o Padre Martiniano de Alencar, então presidente da província, que o nomeia para exercer também o cargo de Chefe de Polícia da mesma região. A referida comarca de Quixeramobim abarcava vasta extensão do território provincial, compreendendo, além da sede, os julgados das vilas de Maria Pereira (atual Mombaça), de São João do Príncipe (Tauá) e das povoações de Quixadá e Boa Viagem. Logo o seu desempenho ético e exigente o levaria a conflitos com o Executivo provincial e

com os potentados da comarca[1]. Parte então para a Corte e, só no final da sessão de 1835, exonerou-se da magistratura. Nesse segundo ano de mandato apresenta projeto propondo a redução do meio circulante para reestabilizar a economia e vai progressivamente assumindo atitude de oposição. Em 1836, tinha havido roubo no Tesouro Nacional e era Ministro da Fazenda Manuel do Nascimento Castro e Silva, deputado alencarista do Ceará. Suspeitando deste, Ibiapina apresenta indicação solicitando que o trono o substituísse por alguém mais competente. Na sessão de 1837, foi calma a sua atuação e constitui sua derradeira presença na política. Assinale-se que lhe foi oferecido um ministério e uma presidência de província, porém, declinou dessas nomeações, tal a sua decepção com a vida pública.

Findo assim o mandato de Deputado, abandonada a carreira da magistratura e frustado o casamento, Ibiapina veio viver no Recife. Resolve então dedicar-se à advocacia, com escritório num sobrado da Praça do Carmo e com atuação no foro da Capital e do interior. Antes, porém, inicia sua brilhante carreira de advocacia, atuando por dois anos na Paraíba, onde seu prestígio de criminalista assume cores de intensa popularidade, sobretudo depois de célebre defesa de pavoroso crime passional, cujo texto foi divulgado amplamente e comentado em jornais e revistas da época[2]. Continua a sua ação profissional no Recife por toda a década de 1840 a 1850, quan-

[1] Seria longo resumir aqui a intensa atividade da sua magistratura, em sua consciência ética, sua competência jurídica, seu sentimento de que aquelas funções significavam também uma educação social dos sertões semi-bárbaros, ou, nas palavras de um dos melhores estudiosos sobre o tema: «Dr. Ibiapina, durante apenas três meses de exercício de magistratura, deixou exemplo imorredouro de honradez, senso de justiça e coragem cívica. Não se limitou a julgar, mas incorporou aos deveres de juiz de direito as funções voluntárias de defensor da cidadania, instrutor da Constituição, orientador dos costumes públicos, educador do povo, civilizador dos sertões. Em tão pouco tempo, conseguiu fincar um marco indelével na história judiciária do Ceará.» (ARAÚJO, 1995: 86). Nesse sentido, é extremamente fecundo ler a correspondência trocada, nesse período, entre o Dr. Ibiapina e o Presidente da Província: ela constitui documento precioso tanto como expressão dessas duas personalidades, quanto na sua qualidade de retrato sociocultural da região.

[2] Cf., em apêndice, o texto de folheto de Cordel que relata essa ocorrência muitos anos depois, segundo a memória popular.

do consolida sua reputação intelectual e moral. Em 1850, ele tivera mais uma decepção: perdera uma causa. Devolveu os honorários ao constituinte, distribuiu seus livros jurídicos e abandonou a profissão.

Leva uma vida retraída em um sítio de sua propriedade, até decidir-se pelo sacerdócio, em 1853, aos 47 anos de idade. Propõe então ao Bispo Dom João Perdigão a sua intenção de ordenar-se padre, com uma condição: não se submeteria a exames. Isso foi no domingo, dia 12 de julho. O Bispo, a princípio, impugnou a proposta. Mas no sábado seguinte, dia 18, em virtude da intermediação de amigos, tomaria as ordens menores, e, no domingo, já seria subdiácono. Tudo foi feito em cerimônia privada. No domingo, 26 de julho, recebeu o presbiterado, celebrando a sua primeira missa no dia 29, na Igreja da Madre de Deus. Alterou seu nome civil, trocando o sobrenome Pereira pelo de Maria, passando a chamar-se Padre José Antônio de Maria Ibiapina.

O Bispo o nomeia Vigário Geral e Provedor do Bispado, e professor de Eloqüência do Seminário de Olinda. Tais cargos e honrarias não seduziam Ibiapina, que logo renuncia a eles para dedicar-se ao seu projeto missionário de viajar, doutrinar, educar e construir algo concreto para as populações abandonadas dos sertões nordestinos. E será esse o rumo que tomará sua vida até o fim dos seus dias.

Há notícias de sua presença na Paraíba, em 1856, ano da irrupção do cólera nessa província: ele constrói um cemitério para os pestosos, dando-lhe o nome de Soledade, que, mais tarde, constituiu o núcleo de povoação que veio a tornar-se a atual cidade de igual nome. Mas sua ação inovadora começa efetivamente a partir de 1860. Nessa década, Ibiapina por certo cruzou nos caminhos com outro pregador e construtor de igrejas, cruzeiros e cemitérios: o Padre Hermenegildo Herculano Vieira da Cunha. Segundo informa Celso Mariz, anteriormente aos dois, nos sertões da Paraíba, houve outros missionários: Frei Caetano de Messina (1843), Padre Manuel José Fernandes (1848) e o capuchinho Frei Serafim da Catânia (entre 1849 e 1853). Luís da Câmara Cascudo refere-se à passagem do missionário Ibiapina pelo Rio Grande do Norte, em 1860, quando fundou uma Casa de Caridade em Santa Luzia de Mossoró. Já o Presidente Francisco Araújo Lima, no governo da Paraíba em 1862,

quando irrompe a segunda epidemia de cólera na província, registra em sua fala à assembléia a ação de Ibiapina dirigindo a construção de uma casa de caridade em favor dos acometidos da doença, na cidade de Areia e na vila de Alagoa Nova. Ressalte-se que não se trata ainda das grandes Casas de Caridade que instituiu mais tarde para abrigo e educação sobretudo de meninas pobres. Estas constituirão, nalguns casos, imponentes conjuntos de edificações, misto de abrigo, orfanato, escola profissional, oficina e centro cultural. Aquelas que então construíra eram hospitais de emergência, face à multidão de atingidos pela epidemia. Mas esses mesmos edifícios de Areia e Alagoa Nova foram remodelados depois e se tornaram as Casas de Caridade dessas localidades.

Ele foi espalhando em vasta área da região tanto o seu influxo espiritual e moral quanto as obras materiais que ia construindo nas cinco principais províncias alcançadas por suas missões: Paraíba, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e Pernambuco [ver mapa da área coberta por sua ação]. No início dos anos 60, quando dá corpo aos rumos de sua ação, funda Casas de Caridade em Santa Luzia do Sabugi (PB), em Angicos e Açu (RN), e em Barbalha (CE). Tais construções eram feitas em curto espaço de tempo, em virtude da multidão de pessoas e dos recursos que sua palavra mobilizava: a Casa de Caridade de Barbalha levou um mês; e na povoação de Caldas (CE), iniciou e concluiu um açude numa semana; em 18 dias, com um mutirão de 12.000 pessoas ergueu uma capela em Goianinha. Em fins de Agosto de 1862, chegou a Fortaleza, apresentou-se ao Bispo Dom Luís Antônio dos Santos e proferiu sua primeira pregação no Ceará. Continuou sua missão pelos povoados de Imperatriz (hoje Itapipoca) e, passando antes pelo povoado de São José, segue rumo a Sobral, sua terra natal, onde, a 27 de setembro iniciou uma Casa de Caridade, inaugurada no final de novembro e mais tarde (1864) ampliada com sala de aulas e um pavimento para hospital. Em fevereiro de 1863, instalou, em Sant'Ana do Acaraú, uma Casa de Caridade, vasta edificação de 15 janelas de frente.

Depois dessas missões e fundações, em Março de 1863, Ibiapina viaja de navio para Olinda e Recife. Mas aí não se demora, pois parte outra vez para a Paraíba, subindo a Borborema e descendo para os sertões baixos do Piranhas. Ainda no mesmo ano, pregou

em Catolé do Rocha e, no ano seguinte, fundou uma Casa de Caridade em Acari. Em Fevereiro de 1865, inaugura a Casa de Caridade de Missão Velha (CE), amplo edifício com uma roda de expostos ou de enjeitados e pavilhões para hospital. Prega depois em várias outras vilas e aldeias do Ceará. Faz uma volta pelo Rio Grande do Norte, visitando as fundações de Açu e Santa Luzia; inicia e deixa quase concluída a igreja matriz de Flores, chegando em Fevereiro de 1866 a Alagoa Nova (hoje Laranjeiras). Segue para Areia, onde prega e anuncia a próxima inauguração da Casa de Caridade de Santa Fé, em terras doadas pelo Major Antônio José da Cunha e sua mulher Dona Cândida. Esta Casa foi efetivamente inaugurada a 1º de maio de 1866 e constituirá o centro irradiador de sua obra, tanto que a escolherá para construir sua moradia e onde viverá os anos finais de sua existência. Depois de Santa Fé, ainda no mesmo ano, viajou a missionar, fundando a Casa de Caridade de Pocinhos e a de Pombas (hoje Parari), nos municípios de Campina Grande e São José do Cariri. Mantinha o seu estilo forte de pregação e partia à frente da multidão que o ajudava, dirigindo pessoalmente as reformas, a conservação, os melhoramentos ou as novas construções, retornando às vezes para fiscalizar e reparar fundações anteriores.

Em 1868, Ibiapina deixa em Barbalha uma igreja, um cemitério e uma cacimba d'água para o povo. Vai ao Crato e aí funda sua Casa de Caridade. No ano seguinte, retorna à Barbalha onde realiza várias construções: uma Casa de Caridade na cidade, e uma capela e um açude em Caldas, uma capela em Goianinha e outras obras em Porteiras. Ainda neste ano, no Ceará, constrói uma Casa de Caridade em Milagres, com anexos para hospital e asilo de inválidos; levanta igrejas nos povoados de São Bento e Brejo do Cuité; e constrói um açude em Serra da Mãozinha. Vem para a Paraíba e ergue a Casa de Caridade de Cajazeiras, em terreno cedido por outro grande apóstolo, o Padre Rolim; e, em prédio doado pelo vigário Marques Guimarães, instalou a Casa de Caridade de Souza. Permanece mais tempo em Cajazeiras, de onde parte a 9 de outubro de 1870 a fazer missões em Barra do Juá e em Souza.

Em 1871, atravessando o Ceará a pé, atinge o Piauí no mês de maio, chegando primeiro a Carnaibinha, cujo nome troca por Pio IX (hoje Patrocínio), levantando aí uma capela. Segue para Picos, onde edifica igreja e cemitério. Vai a Jacós e aí constrói cemitério e inicia

igreja. Das vilas do Piauí segue rumo a Ouricuri, Baixa-Verde e Flores. Em Pernambuco, Ibiapina tinha construído, em 1860, sua primeira Casa de Caridade, em Gravatá de Jaburu, e, em 1868, começara outra em Bezerros - esta só foi inaugurada em 1870[3]. De 1871 a 1873: a Casa de Caridade e hospital em Baixa-Verde (janeiro de 1871); igreja e cemitério em São Gonçalo; igreja e cemitério em Flores (Dezembro de 1871); igreja e açude em Santa Cruz; açude e cemitério em Mata-Virgem. Noutros povoados, repara templos, caminhos, cemitérios, etc., deixando marcas de sua presença por onde passava.

Em Junho de 1872, Ibiapina chega a Santa Fé, de retorno de sua longa caminhada missionária até o Piauí, de onde regressou pelo interior de Pernambuco e entrando enfim na Paraíba. Em Julho, constrói açude em Soledade e a 15 de agosto, instala a Casa de Caridade de Cabaceiras (PB). Dejulho de 1872 a Dezembro de 1873, realizou outro período de missões e fundações sobretudo na Paraíba. Depois, só a partir do final de Setembro de 1875, Ibiapina se dispõe à nova excursão apostólica pelos sertões, chamado pela difícil situação da Casa de Caridade de Baixa-Verde (PE). Por esse tempo, vinha ele sofrendo sérios achaques. Em especial, suas crises freqüentes de asma. Realiza, todavia, obras e sai a pregar por inúmeros povoados até chegar a Baixa-Verde (hoje Triunfo). Daí, preparou-se para retornar a Santa Fé, que, desde 1873, escolhera para residência e repouso na velhice. Contudo, sofreu uma congestão cerebral a 30 de dezembro. A 7 de janeiro de 1876, partiu de volta. Seu estado era grave. Estava no quarto dia de caminhada, quando o vigário de

[3] Em Fortaleza, o jornal *Pedro II*, de 11 de novembro de 1870, dá a seguinte notícia: «***O Rvd. Ibiapina.*** — *O Jornal do Recife noticiou que o Rvd. Padre Dr. José Antonio Maria Ibiapina, secundado pelo vigario Trajano de Figueiredo Lima, tinha fundado na povoação de Bezerros um asylo destinado aos orphãos desvalidos. A inauguração teve lugar no dia 11 de setembro ultimo. O custo do edificio, bastante espaçoso com sufficientes accomodações, é orçado em cerca de 50:000$000. Achavam-se já recolhidas ao asylo 25 orphãs. No dia da inauguração, dirigindo-se o Rvd. Ibiapina ao povo, que o cercava, pedio que cada um desse uma esmola, conforme os seus recursos, para a casa de caridade. Immediatamente forão recebidos 415$000, e 72 cabeças de gado foram promettidas e inscriptos os nomes dos doadores para a creação de uma fazenda, que sirva de patrimônio ao asylo.*» [Cf. hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado do Ceará].

Cajazeiras, Padre Vieira, decidiu levá-lo para Bom Conselho, onde demorou por dois meses. Chegou à Santa Fé em abril, depois de um mês de penosa marcha. Foi a derradeira viagem de Ibiapina.

Seu estado se agrava, sobrevindo uma paralisia das pernas que o prende ao leito ou à rústica cadeira de rodas. É daí que continuará escrevendo, aconselhando e provendo suas Casas de Caridade. Nessa condição enfrenta os terríveis anos da Seca de 1877 a 1879. Em 1878, institui oficialmente, com declaração passada em cartório, um pedinte para cada Casa de Caridade, com o encargo de recolher doações, a fim de salvar seus protegidos e os que ali buscavam sobrevivência. Seu estado de saúde vai piorando progressivamente até sua morte às 15 horas do dia 19 de fevereiro de 1883, em Santa Fé, onde estava recolhido desde 1876.[4]

Apreciação Historiográfica

Estranho destino este que acompanha a posteridade das personalidades que se destacam por sua atuação junto ao povo: a literatura a seu respeito tende a seguir quase inexoravelmente duas vertentes - a dos *apologistas* mais ou menos fanáticos ou ingênuos, e a dos *detratores* com maior ou menor grau de paixão negadora. Mas os líderes são assim; dividem opiniões e sentimentos, arrastando uns e provocando repulsa noutros. São figuras humanas nascidas do e para o conflito, especialmente no campo religioso que, como o político, tende naturalmente para o antagonismo e o sectarismo, no sentido etimológico desses termos.

Não foi outra, por exemplo, a sina do Padre Cícero. Até hoje não se compreendeu com equilíbrio e rigor o sentido do *milagre* de Juazeiro e são de fato raras as obras de boa historiografia que atravessem o período de sua existência clareando a real significação e o alcance dessa figura contraditória. Com o Padre Ibiapina, porém, embora não tenha gozado das simpatias sinceras de alguns mem-

[4] O roteiro aqui exposto segue fundamentalmente as notas que tomei nas obras de NOGUEIRA (1888), MARIZ (1942) e ARAÚJO (1995).

bros da hierarquia eclesiástica da região, esse destino que acompanha os líderes religiosos se tornou mais estranhável: existe ampla unanimidade na encomiástica literatura que se acumula acerca do homem e da obra missionária que desenvolveu. Posto não seja alentada essa produção, outra de suas marcas está em que seus autores tendem a repetir com monotonia os mesmos dados extraídos de uma fonte eleita como mais fidedigna[5] e a reproduzir o mesmo perfil temático da obra que se imponha como paradigma[6].

Com efeito, os trabalhos que pretendem dar conta da existência, da atividade e da influência dessa singular figura de missionário sertanejo que foi Ibiapina mostram forte inclinação para realizar o clássico modelo do gênero «vida dos varões ilustres» ou, o que é pior, deslizar no rumo da *légende dorée* heroificante, típica da hagiografia tradicional católica. Lamentavelmente, o Padre Mestre não consegue fugir desses louvadores perenes que pouco contribuem para justa avaliação de uma personalidade rica e multiforme como a sua. E, assim, o movimento que se faz hoje, no Ceará, com vistas à sua canonização parece inevitavelmente escorregar nessa direção, tanto mais contraditório quanto ele parte de uma instituição que sempre, historicamente, buscou preservar suas formas de poder e teve pouca tolerância e compreensão para com suas figuras proféticas ou carismáticas; só muito posteriormente procurando recuperar «o doce espírito cristão», que o confronto coetâneo excluiu ou deturpou; foi assim também, mais tarde, em relação ao Padre Cícero, duramente controlado pela intransigência romanocêntrica de Dom Joaquim José Vieira, como, antes, ocorreu, em menor grau,

[5] É o caso do escorço biográfico de Ibiapina por Paulino Nogueira, saído na *Revista do Instituto do Ceará*, de 1888, Anno II, Tomo II, 3º trimestre, pp. 157-220 [Fortaleza: Typ. Economica].

[6] No caso, é inegável que se trata de *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, do pesquisador paraibano, Celso Mariz, publicado por União Editora, em João Pessoa, em 1942. Sob certos aspectos, especialmente na compreensão da época e na busca cronológica dos fatos que compõem a existência do Padre Mestre Ibiapina, é esta uma das obras mais completas. Muito posteriormente, surgiu trabalho mais minucioso e mais amplo no que tange às fontes e fatos, que é o livro do Pe. F. Sadoc de ARAÚJO: *Padre Ibiapina, Peregrino da Caridade*, Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995.

mas de forma incisiva, com relação ao Padre Ibiapina da parte de Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará[7].

Forneço dois exemplos simples desses fatos. O primeiro, eu o respigo em Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral no Ceará, que, não obstante demonstrar clara simpatia por Ibiapina e dedicar quase três dezenas de páginas sobre sua vida e suas missões na região norte do Estado, faz este comentário, bem integrado ao espírito institucional dominante à época e cuja forte marca perdura ainda hoje: «*Por ocasião das Missões fundou o grande Missionário uma associação de "beatas", que se revestiam de uma especie de habito religioso, com um grande véo ou lençol branco na cabeça, e residiam nas proprias casas [de Caridade]. Nesse ano [1862] veio a Sobral o 1º Bispo do Ceará, D. Luis Antonio dos Santos, que não aprovou a devoção do tal habito, como se vê no Provimento deixado no Livro do Tombo da Freguesia...*»[8] Assinale-se, no texto do bispo-historiador, o termo «associação» e as aspas sobre *beatas*, recursos que demarcam a distinção face à *ordem* religiosa canônica e às *freiras* oficialmente aceitas pela instituição.

O outro exemplo parece-me ainda mais expressivo. Eu o tomo de Irineu Pinheiro, historiador do Cariri. Em 2 de fevereiro de 1865, o Padre Ibiapina inaugura a Casa de Caridade de Missão Velha, a primeira do sul da Província, o Cariri cearense ou Cariri Novo como era chamado então, no início de suas missões nessa região. Em 1869, ele intensifica de forma impressionante sua atividade apostólica ou reevangelizadora, de modo que de março a junho, dentre outras obras, ele constrói as Casas de Caridade de Crato, de Barbalha e de Milagres. Pelos dados de sua biografia atribulada e da energia realista e prática com que investiu seu projeto missionário sertanejo,

[7] A província do Ceará, como a do Rio Grande do Norte e a da Paraíba, pertencia à diocese de Pernambuco, de que se autonomiza com a criação do seu próprio bispado e respectiva diocese em 1853; Dom Luís a assume 1861 e aí permanece até 1879. A sede fica vacante até a vinda do segundo bispo, Dom Joaquim José Vieira (1884-1912).

[8] Cf. sua *História de Sobral*, 2ª ed., Fortaleza: Edit. Henriqueta Galeno, 1974, p. 256. As expressões de esclarecimento entre colchetes, na citação, são minhas.

não é difícil imaginar o empenho e a esperança que depositou nessas realizações, que possuíam claro sentido de valorização das camadas subalternas; de igual modo, não há dificuldade em supor as incompreensões, conflitos e invejas que, por certo, despertava a autonomia dessa ação itinerante e relativamente fora dos quadros institucionais. Registre-se, paralelamente, o fato que, a 24 de janeiro de 1871, D. Luís Antônio dos Santos mandara fechar a igreja de S. Vicente, no Crato, em virtude de terem alguns leigos, à revelia do vigário, presidido a novenas dentro da capela, acompanhadas de músicas e cânticos. Registre-se ainda que, no ano seguinte (1872), no dia 11 de abril, chegava a Juazeiro, no Cariri[9], como capelão, o Padre Cícero Romão Batista, que também se tornaria mais tarde figura de contradições face a uma hierarquia romanizada e ciosa de sua autoridade. Pois bem, no segundo semestre deste ano, em documento endereçado aos irmãos, beatos e irmãs das Casas de Caridade do Cariri Novo (Missão Velha, Crato, Barbalha e Milagres), advertiu o Padre Ibiapina ter passado ao Bispo do Ceará, o mesmo

[9] Importa assinalar que, neste mesmo ano, circula também aí Antônio Vicente Mendes Maciel, o futuro Conselheiro, que também já ouvira suas pregações em Sobral. Não é difícil supor o enorme influxo que a ação missionária do Padre Ibiapina teve sobre o espírito desses dois líderes religiosos (Conselheiro e Cícero), que ocuparão o cenário ulterior dos sertões nordestinos. Nertan MACEDO afirma explicitamente essa filiação espiritual, quando, ao comentar uma declaração de Floro Bartolomeu acerca das práticas dos penitentes do Cariri que envolviam povo e sacerdotes, ele sustenta: *«Faziam, é certo, o que antes já fizera o Padre-Mestre José Antônio Maria Ibiapina, cujas prédicas e cilícios, no século XIX, tanta influência exerceriam sobre reverendos e beatos do sertão. Seria o Padre-Mestre imitado, não apenas por sacerdotes, como Félix de Moura e Félix Arnaud, mas pelo próprio Padre Cícero, como o fora antes, e de maneira completa, por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro. A penitência, nos sertões, era uma herança de Ibiapina, cujo exemplo encalça, permanentemente, a figura sombria do Conselheiro. Quanto mais nos debruçamos sobre essa história do misticismo sertanejo, mais assinalamos pontos de contato, mais semelhanças descobrimos, entre o rude beato de Canudos e o Venerável Padre-Mestre dos Sertões. Antônio Vicente Maciel, (...), o homem de Canudos é, em vida, uma sombra, um reflexo, uma imitação de Ibiapina. (...) Os mesmos traços de identidade, na ação apostólica, caracterizariam o beato e o sacerdote pregador. Recorda, a propósito, José Calasans que o Conselheiro conduzia consigo, sempre, as imagens do Crucificado e de Nossa Senhora, e as dava a beijar, aos fiéis, recolhendo esmolas. O beija das imagens era, também, ato comum nas missões de*

D. Luís Antônio, a direção das referidas Casas. Tal documento, carregado de significação, termina nestes termos que lembram vagamente uma certa *Epístola aos Gálatas*: *«Irmãos, eu não procuro honras de instituidor, quero que se beneficie a humanidade desvalida, como é a orfandade, principalmente na minha terra; portanto sejamos todos felizes e eu sou também. Adeus, bom povo do Cariri Novo, eu vos abraço sem exceção porque de todos vós recebi testemunhos de amor e simpatia, que bem se conhecia que vosso coração era meu, como o meu era e é vosso. (...)adeus gentes todas dessa terra de onde sou retirado por altos juízos de Deus, para que sofra o coração que gozou as ternuras do amor da pátria e as doces consolações da amizade. Beijo este papel e nele fecho meu coração para ser visto nestas poucas palavras pelo bom povo do Cariri Novo. Padre Ibiapina. Cravatá, 16 de setembro de 1872.»* [10]

* * *

Mas retomo o meu comentário sobre a construção histórica da imagem do Padre Ibiapina, que se depreende da literatura a seu respeito. Ora, como o que acima ficou dito pode insinuar algo que não pretendi afirmar ou ocultar, apresso-me a completá-lo, subli-

---

Ibiapina. (...) Da mesma forma, ainda, que o Padre-Mestre, o Conselheiro mandava queimar, publicamente, montes de xales, vestidos, saias, chapéus, sapatos de trança e outros atavios da moda naquele tempo. A primeira informação de que se tem notícia, aliás, sobre a sua estranha e fascinante figura, foi publicada, a 27 de junho de 1876, no Diário da Bahia, que o descreve como "quase uma múmia". Obrigando – afirma o mesmo jornal – as mulheres a cortar o cabelo e a queimar xales e botinas como objetos de luxo. (...) A mesma temosia, a mesma irredutibilidade, os mesmos hábitos e maneiras de ser dos seus dois conterrâneos: José Maria Antônio Ibiapina e Cícero Romão Batista.» [Cf.: *Floro Bartolomeu.* O caudilho dos beatos e cangaceiros. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image, 1970, pp. 44-46]. Desejo fazer um reparo a um ponto em que o autor exagera quanto à influência do Padre Ibiapina - quando afirma ser a penitência nos sertões uma herança sua: não há suficiente suporte histórico para tal assertiva; pelo contrário, existem bastantes evidências de ser essa prática antiga na Europa e introduzida entre nós em tempo bem anterior ao Padre Ibiapina [Cf., por exemplo, o estudo do Abbé BOILEAU: *Histoire des Flagellants.* Le bon et le mauvais usage de la Flagellation parmi les chrétiens – 1701. Reedição: Montbonnot-St. Martin: Jerome Millon, 1986].

[10] Cf.: PINHEIRO, Irineu: *Efemérides do Cariri.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, pp. 156-157.

nhando a importância do feliz rumo que as pesquisas históricas sobre o tema têm tomado, sobretudo a partir da colaboração trazida pelos trabalhos recentes de Eduardo Hoornaert, seus próprios estudos ou aqueles que coordenou. Refiro-me em particular ao esforço crítico que durante quase duas décadas ele desenvolveu para reconstituir preciosa documentação original e recompor fontes bibliográficas sobre o Padre e as Casas de Caridade, agora disponível em livro[11]. Completa esse trabalho o Simpósio que E. Hoornaert dirigiu no centenário da morte de Ibiapina (1983), no quadro dos trabalhos da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina - CEHILA, e que foi editado no ano seguinte com a cooperação de Georgette Desrochers e com colaborações de Dom José Maria Pires, João Alfredo de S. Montenegro, José Francisco Pinheiro, Vinicius Barros Leal, Eduardo Hoornaert, Frei Hugo Fragoso, Luitgarde Oliveira C. Barros e José Comblin.[12]

Não pretendo obviamente elaborar aqui uma apreciação desses trabalhos mais recentes. Quero apenas ressaltar que, sem desconhecer as colaborações dos demais, merecem especial referência as observações contidas nos estudos de Comblin e Hugo Fragoso, pois ambos buscam apreender, a partir da documentação disponível, o sentido missionário de Ibiapina, que se realiza menos pelo discurso e mais pela atitude prática e concreta para com o povo que evangeliza, assim como as peculiaridades da cultura local que se exprime nas formas de vida religiosa das beatas e beatos do sertão nordestino. Mas é particularmente Eduardo Hoornaert quem rastreia, com agudo faro e ousadia, os percursos indígenas da área geográfica recoberta por sua ação, bem como o sentido de brasilidade regional que ela realiza - face ao desenho institucional romanizado de velha inspiração tridentina da Igreja hierárquica de sua época -, onde se destacam: a luta contra a fome e a doença mediante a construção de

[11] Cf.: *Crônica das Casas de Caridade*. Fundadas pelo Padre Ibiapina. Edição e introdução de Eduardo Hoornaert. Transcrição do manuscrito e notas de Ildefonso Silveira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

[12] Cf.: *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*, São Paulo: Edições Paulinas, 1984 (anexos: documentos originais).

abrigos, de escolas, de açudes, de cemitérios, de hospitais, e a insistência no trabalho e na dignidade de todos, a luta contra o desamparo da mulher e da orfandade, o combate contra a desagregação sociopolítica das áreas sertanejas, a revalorização da herança indígena, etc. Assinalo, porém, que há alguns descuidos nos balizamentos cronológicos básicos que se acham nos textos de Eduardo Hoornaert, tanto mais estranho quanto mesmo uma simples consulta ao livro de Celso Mariz ou ao célebre *Diccionario* do Barão de Studart[13] serviria para bem registrá-los.

Outro reparo que não deve ficar sem assinalar reside no fato que nenhum desses estudos mais recentes aproveitou as pistas abertas pelos comentários que faz Gilberto Freyre sobre a significação e o alcance sociocultural do desempenho de Ibiapina, apoiando-se na leitura da obra de Celso Mariz. De fato, na «Introdução» da segunda edição de seu *Sobrados e Mocambos*, G. Freyre[14] destaca alguns aspectos da obra e da personalidade de Ibiapina, que ele considera como sendo *«talvez, a maior figura da Igreja no Brasil, do ponto de vista do Catolicismo ou do Cristianismo social»*. Assim, é possível por em destaque, além de seu culto à Maria e de outras características da devoção tradicional, seu senso ecológico-sertanejo e sua consciência de nacionalidade regional, seu maternalismo, a relativa democracia ou igualitarismo das Casas de Caridade em contraste com o autoritarismo dominante, sua concepção pedagógica simultaneamente intelectual e prática (educação doméstica, agrícola e artesanal), o trabalho com os pobres evitando confrontar a incompreensão de Bispos e de potentados, sua aguda percepção da desintegração do sistema senhorial, seu anti-escravismo (nas Casas só havia trabalhadores livres e até as pensionistas realizavam as mesmas tarefas que os demais), a sua confiança nas mulheres e na sua valorização, suas convicções políticas liberais, etc.

[13] Cf.: *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. Reedição da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1980 [fac-similada a partir da edição original em 3 vols.: Fortaleza, Typo-Lithographia a Vapor, 1910, 1913 e 1915].

[14] Cf.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, 1º vol., pp.; 87-95.

Enfim, a longa vida ativa e a marcante obra do Padre Ibiapina (1806-1883) está a exigir ainda muito trabalho de pesquisa e um esforço de interpretação mais abrangente, que, sobretudo, reconstrua amplamente as dimensões da realidade em que ele viveu e atuou, e que recobre, cronologicamente, quase todo o século XIX assim como possui implicações em escala nacional. Por outro lado, é mister não desconsiderar as marcas psicológicas que experiências dolorosas de sua adolescência e juventude por certo deixaram em sua personalidade, e que imprimiram rumos em suas decisões pessoais. O trabalho de Celso Mariz, que continua a ser um dos melhores esforços nesses dois planos, começa dizendo honestamente que Ibiapina «merecia um olhar mais competente», assim como aponta as lacunas que não conseguiu preencher e o caminho da tarefa que resta por realizar.

NOTA: Esta versão preliminar de um estudo em elaboração resumiu-se ao espírito de uma comunicação para o Grupo de Trabalho-20 «Religião e Sociedade», do *XX Encontro Anual da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS*. Faltam partes substanciais ao texto, ou seja, maior desdobramento do exame da vida e da obra do Pe. Ibiapina, sobretudo no que tange à sua influência sobre a estirpe de Conselheiros que vieram após - hipótese central deste trabalho.

Bibliografia

ALMEIDA, José Américo de: 1980. *A Paraíba e seus Problemas*. 3. ed. Introdução de José Honório Rodrigues. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

ANNAES DO PARLAMENTO BRASILEIRO - CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS. 1879. *Primeiro Anno da Terceira Legislatura* - Sessões de 1834 a 1837, oito tomos, coligidos por Antonio Pereira Pinto. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto.

ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de. 1995.*Padre Ibiapina, Peregrino da Caridade*. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará.

BEVILACQUA, Clóvis. 1927. *História da Faculdade de Direito do Recife.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

BRÍGIDO, João. 1919. *Ceará: Homens e Factos.* Rio de Janeiro: Typographia Besnard Frères.

CARVALHO, Gilberto Vilar: 1983 «Padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo», *REB,* março.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1940. «Padre Mestre Ibiapina no Rio Grande do Norte», jornal *A República,* Natal, 9 de Junho.

DESROCHERS, Georgette e HOORNAERT, Eduardo (orgs.). 1984. *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres.* São Paulo: Edições Paulinas.

DUARTE, Monsenhor José Paulino. 1915. *O Padre Ibiapina.* Paraiba do Norte: Typ. Pernambucana.

FRAGOSO, Frei Hugo. 1980. *A Igreja na Formação do Estado Liberal (1840-1875), in* BEOZZO, J. Oscar (cord.). *História da Igreja no Brasil.* (Ensaio de interpretação a partir do povo). Segunda Época: A Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis: Vozes.

FREYRE, Gilberto. 1951. *Sobrados e Mocambos.* (Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano), 2. ed., 2 vols. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora.

FROTA, Dom José Tupinambá da. 1974. *História de Sobral,* 2ª ed. Fortaleza: Edit. Henriqueta Galeno.

HOORNAERT, Eduardo (ed.). 1980 *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina.* Edição e Introdução Geral de Eduardo Hoornaert. Transcrição, introdução ao texto e notas de Ildefonso Silveira. São Paulo: Edições Loyola.

JOFFILY, Geraldo Irineo. 1977. *O Quebra Quilo.* (A revolta dos matutos contra os doutores - 1974). Brasília: Thesaurus.

LIRA, João Mendes. 1976. *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina.* Sobral (CE): s/ed.

MARIZ, Celso. 1942. *Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste.* João Pessoa: União Editora.

MENEZES, Djacir. 1970. *O Outro Nordeste.* (Ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais), 2. ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Artnova.

NOGUEIRA, Paulino. 1888. «O Padre Ibiapina», *Revista Trimestral do Instituto do Ceará,* Anno II, Tomo II, 3º trimestre, pp. 157-220.

PINHEIRO, Irineu. 1963. *Efemérides do Cariri.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.

SOUTO MAIOR, Armando. 1976. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império.* Col. Brasiliana - 366. São Paulo: C.E.N.

SANTOS, Rinaldo dos: 1983. *A Revolução Nordestina - 1: A Epopéia das Secas (1500-1983).* Recife: Editora Tropical.

SOUZA, Itamar de e MEDEIROS FILHO, João. 1980. *Os Degradados Filhos da Seca.* (Uma análise sócio-política das secas do Nordeste). Petrópolis: Vozes.

STUDART, Dr. Guilherme (Barão de Studart): 1980. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense,* 3 vols. Fortaleza: Edições UFC. [Edição fac-similada da original em 3 tomos, Fortaleza: Typo-Lithographia a Vapor, 1910, 1913 e 1915].

APÊNDICE

O Dr. Ibiapina na fala do povo

A célebre defesa, de um réu condenado à morte por crime passional, feita pelo Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, a 18 de Março de 1838, quando atuava como advogado na cidade de Areia, na província da Paraíba do Norte, foi motivo de muito comentário, artigos, crônicas, etc., em jornais, revistas e livros. Muitos anos depois, João Melquíades Ferreira da Silva, poeta popular nascido em Bananeiras (PB), em 7 de Julho de 1869 e falecido em João Pessoa aos 10 de Dezembro de 1933, fez a narrativa desse evento num folheto de Cordel, que transcrevo a seguir. Ele é o autor, entre muitos outros folhetos, de uma das mais conhecidas versões do *romance* «O Pavão Misterioso», plagiado da história original escrito por José Camelo.

01. Ninguém se julgue infeliz,
Nem desanime da sorte,
Viu-se no Brejo da Areia
Da Paraíba do Norte,
Um réu escapar da forca
Já sentenciado à morte.

02. Quando o padre Ibiapina
Ainda era doutor
Que depois disso ordenou-se
E foi grande pregador
Se foi bom advogado
Ainda foi melhor pastor.

03. Tinha no Brejo de Areia
Um rapaz que enjeitado
Um homem achou-o no campo
Morrendo desamparado,
Que nem sequer o umbigo
Quem deixou-o tinha cortado.

04. A esposa desse homem
Nunca um filho concebeu
Criou Francisco José
Adotou-o por filho seu
Tanto que um sítio que tinha
Deixou-lhe quando morreu.

05. Então Francisco José
Era um rapaz sem defeito,
Trabalhador e honrado
Andava sempre direito
Não tinha fortuna alguma
Mas era satisfeito.

06. O comendador Veloso
Alma negra e nodoada,
Senhor de grande fortuna,
Porque o caráter dele
[falta um verso aqui]
Pensava menos que nada.

07. Esse monstro era viúvo
Tinha uma filha somente,
E namorava-se dela
Achou mais conveniente,
Casá-la com rapaz pobre
Que gozava facilmente.

08. Pensava ele consigo
Não há cálculo tão sexteiro
Dou-a a um rapaz branco e pobre
Que não falta aventureiro
Que veja e faça que não
Com ambição no dinheiro.

09. Porém o cálculo do mau
É muito raro acertar
O maldoso tem consigo
A testemunha ocular
Faça ele o que quiser
Ela tem que revelar.

10. Foi ao Francisco José
Com as armas do traidor
E lhe disse: você é
Honesto e trabalhador
Quer casar com minha filha?
Disse-lhe ele não senhor.

11. O comendador não sabe
Que eu fui um enjeitado
[falta um verso aqui]
Meu futuro é o trabalho
E não pretendo casar-me
Com filha de potentado.

12. O senhor procure um desses
A quem a fortuna
[falta um verso aqui]
Prefiro uma moça pobre
Só desejo encontrar nela
Um caráter limpo e nobre.

13. Disse-lhe o comendador
Rapaz disso tudo eu sei
Minha filha não tem mãe
A tempos enviuvei
Estou caindo na idade
Não sei quando morrerei.

14. Não quero dá-la a um Doutor
Que não saiba trabalhar
Porque faltando-lhe carta
Ele não pode passar
Se tiver família grande
Pede esmola ou vai furtar.

15. O assassino da honra
Tanto fez e seduziu
Com as formas do demônio
O miserável iludiu
Agora vejam onde foi
Que o inocente caiu

16. Casou Francisco José
Achou sua esposa pura
Muito rica de dinheiro
Gado, terra, escravatura,
Carneiros, cavalos e burros
Tinha com grande fartura.

17. Francisco José então
Tomou conta do que havia
As seis horas da manhã
Com os escravos saía,
Mandavam levar-lhe almoço
Ele no campo comia.

18. Quando ele voltava a tarde
Vinha sempre carregado
Com feijão, milho e batata
Quando havia roçado
Sempre, trazia nos ombros
Um cesto grande e pesado.

19. Sua mulher costumava
Esperá-lo todo o dia
E retirar-lhe dos ombros

20. Um dia numa hora dessa
Francisco José chegou
Não encontrando a mulher

O peso que ele trazia
Com aquele fingimento
Diariamente o tinha.

Abriu a porta e entrou
Sua mulher com o pai
Em adultério os achou.

21. Mais rubro do que a brasa
Que do fogareiro sai
Com o furor do curisco
Que da atmosfera cai
Disparou uma espingarda
Matando a filha e o pai.

22. Ele morreu logo ali
Ela 3 dias durou
E confessou ao juiz
Os planos que o pai formou
E dando toda razão
Ao marido que os matou.

23. Francisco José já tinha
Entregado-se à prisão
Ela pediu ao Juiz
Que por sua intervenção
Procurasse do marido
Alcançar o seu perdão.

24. Porém Francisco José
Disse ao Juiz de Direito
O que fizeram de mim
Eu acho que está bem feito
Porém um pedido dela
Eu morro mas não aceito.

25. Os parentes do Veloso
Povo muito interesseiro,
Não sentiram a morte dele
Mas, pensava no dinheiro
E dizia fica tudo
Para aquele aventureiro.

26. Peitaram toda justiça
Para o réu ser condenado
Garantindo dividir
A terra, o dinheiro e o gado
Escravos, casas e jóias
Estava tudo arrumado.

27. Desaparecendo o réu
Era um inventário feito
Por serem herdeiros legítimos
Parentes tinham direito,
Então ajuntou-se tudo
E foram procurar jeito.

28. Logo no primeiro júri
O réu teve votação
Teve todos os doze votos
O Juiz como um dragão
Negou o alvará ao réu
Apelou para a relação.

29. A relação que (d)o crime
Tinha algum conhecimento
Mandou que metesse o réu
Em segundo julgamento
Tornou a ter doze votos
Foi o mesmo seguimento.

30. Tornou a ter apelação
Dada pelo Promotor,
Apelou segunda vez
O Tribunal Superior
O Tribunal resolveu
Júri desempatou.

31. Ao terceiro julgamento
Foi o réu submetido
Porém a justiça fez
Um júri bem escolhido
Condenaram o réu à morte
Por meio desconhecido.

32. Então condenaram sempre
O infeliz enjeitado
Ali depois de 3 dias
Ia ser ele enforcado
Cada parente do morto
Já tinha o cálculo formado.

33. Estava o Juiz de Direito
O Promotor e o escrivão
E os parentes do morto
Com grande satisfação
Cada um que projetasse
Escolher melhor quinhão.

34. O réu não dizia nada
Ouvindo a sentença ler
Disse apenas: pouco importa
Uma vida se perder
Vinguei a maior injúria
Que um homem pode sofrer.

35. Uns nascem para viver
Eu nasci para a guilhotina
Estava o réu n'aquela hora
Pensando na triste sina
Quando chegou na cidade
O Doutor Ibiapina

36. Um soldado disse ao réu
Que o mandasse chamar
E disse, aquela sentença
Ainda se pode anular
O Doutor Ibiapina
Querendo o pode salvar.

37. Disse o praça: eu vou chamá-lo
O réu lhe disse: Pois vá
Diga-lhe que mando pedir-lhe
Que se puder venha cá
Socorrer um infeliz
Que nem sequer pode ir lá.

38. O praça foi ao hotel
Onde ele estava hospedado
E disse-lhe: senhor doutor,
Venho trazer-lhe um recado,
Um réu pede que o socorra
Por Jesus Sacramentado!

39. Que réu é o que me chama?
Perguntou ele ao soldado
É um miserável triste
Que hoje vai ser enforcado
Ali contou todo o crime
Da forma como foi passado.

40. O Doutor Ibiapina
Exclamou: que coisa feia
Oh! que questão pavorosa!
É esta que me rodeia
Aí, pegou no chapéu
Se dirigiu a cadeia.

41. Ainda o júri trabalhava
Ibiapina chegou
Dirigiu-se a sala livre
Pediu licença e entrou
Que deseja cavalheiro?
O Juiz lhe perguntou.

42. Desejo ler a sentença
De um réu que foi condenado
Disse o Juiz de Direito,
O réu foi sentenciado...
Eu quero ver o processo
Disse-lhe o advogado.

43. Disse o Juiz de Direito
Depois de examinar
Com quem eu tenho a honra
Meu amigo, de falar?
O Doutor Ibiapina.
Disse o Juiz: pode entrar.

44. Mas com relação ao réu
Não se pode arrumar nada
Já foi a sentença dada
Por mim e o Promotor.
Foi aceita e assinada.
[falta um verso aqui].

45. Disse-lhe Ibiapina
Faz o favor de mostrar
Eu quero ver o processo

46. Mande julgá-lo de novo
Eu sou seu advogado,
Um réu com esse processo

Preciso o examinar
Eu sou defensor do réu
Tenho razão de falar.

47. Veio o pobre réu, de novo
Chegou de ferros, pesado,
Ibiapina ali disse:
Eu nunca vi ser julgado
Em parte alguma do mundo
Um ente tão desgraçado!

49. Se teve mãe não se lembra
Se teve pai nunca o viu
Hoje, tão árdua sentença!...
Senhores, em que caiu?
N'um desgraçado que a sorte
Em sua face cuspiu

51. O Promotor levantou-se
E a palavra pediu
Disse-lhes: Senhores jurados,
Deus é testemunha e viu
Duas vidas preciosas
Que esta fera concluiu.

53. Eu confio que os jurados
Confirmarão a sentença,
Vós todos estão a par
Da barbaridade imensa
Quem proteger esta fera
É provado que não pensa

55. Digam senhores jurados
Qualquer de vós o que faria?
Se esta sorte negra e escassa
Atacasse a vós um dia?
O que este réu obrou
Qual de nós não obraria?...

57. O Pai de sua mulher
Ele nunca esperaria
A pessoa que o marido
Sua mulher mais confia
E esse não respeitar
O que mais sagrado havia!

Não pode ser condenado
Mate-o, porém com a lei
Assim não, está errado.

48. Todo o homem tem um pai
Que o vendo sofrer, se importe
Que fale por ele e alegue
O revez de sua sorte;
Só um miserável deste
Disse apenas: Réu de morte.

50. N'um homem sem eloqüência
Ninguém por ele afigura
A quem se pode chamar
Uma infeliz criatura!
Só abraça a miséria
Só escolhe a desventura.

52. Este monstro, este danado
Aborto da natureza,
Me parece ainda ver nele
Sinal de sangue na presa
Não sei como dum monstro deste
Um homem ainda faz defesa.

54. O Ibiapina ergueu-se
Encolerizado disse:
O ilustre Promotor
Deve ser mais moderado
Não precisa ofender tanto
Quem já está tão maltratado.

56. Este homem n'aquela hora
De que forma não ficou?
A mulher em adultério
Da forma que ele achou
Disparando uma espingarda
A ambos os monstros matou.

58. O Promotor disse ali:
Seu colega está aprovado,
Este monstro é assassino
E peca o advogado
Que ainda procura meios
De salvar tal desgraçado.

59. Peço aos senhores jurados
Não atendam atenuantes
Confirmem a pena de morte
Não pensem mais um instante
Esta fera é como lobo,
Urso, hiena, assim por diante.

60. Disse-lhe Ibiapina
O ilustre Promotor,
Admira-me bastante
Estas frases do senhor
O réu também é um homem
Como eu e o doutor.

61. E seja a morte do réu
Como pediu neste instante
Prove primeiro se o crime
Tem circunstância agravante
Não sentença de morte
Havendo um atenuante.

62. Na Itália e na Inglaterra
Países civilizados
Nos casos de adultério
Que têm sido encontrados
Os maridos matam as mulheres
Que só assim são vingados.

63. Veja o grande Melo Freire
Criminalista instruído
Jurisconsulto europeu
Dá direito ao marido
Para matar sua esposa
Sendo por ela traído.

64. Saiba ilustre Promotor
Que nós por sermos formados
Vestimos bom pano fino
Somos por todos cercados
Não estamos livres de cair
Em momentos desgraçados.

65. Podem julgá-lo juizes
Descarreguem a consciência
Algum há de ter mulher
E a mulher é uma essência
E botem n'uma balança
Maldade, abuso e inocência.

66. Já bem vês homem infeliz
Eu gemo com tua dor
Pois sou sensível aos teus males
Sinto também seu clamor
Porque nunca vi alguém
Que fosse tão sofredor.

67. Meus olhos gotejam lágrimas
Pela tua sorte dura
Recomenda a tua alma
A Maria Sacra e Pura
Me parece estar te vendo
Descendo a sepultura.

68. Se não me engano já ouço
O triste bronze tocar
Talvez que já seja a morte
Que a ti manda chamar!...
Aquelas frases fizeram
Todos na sala chorar.

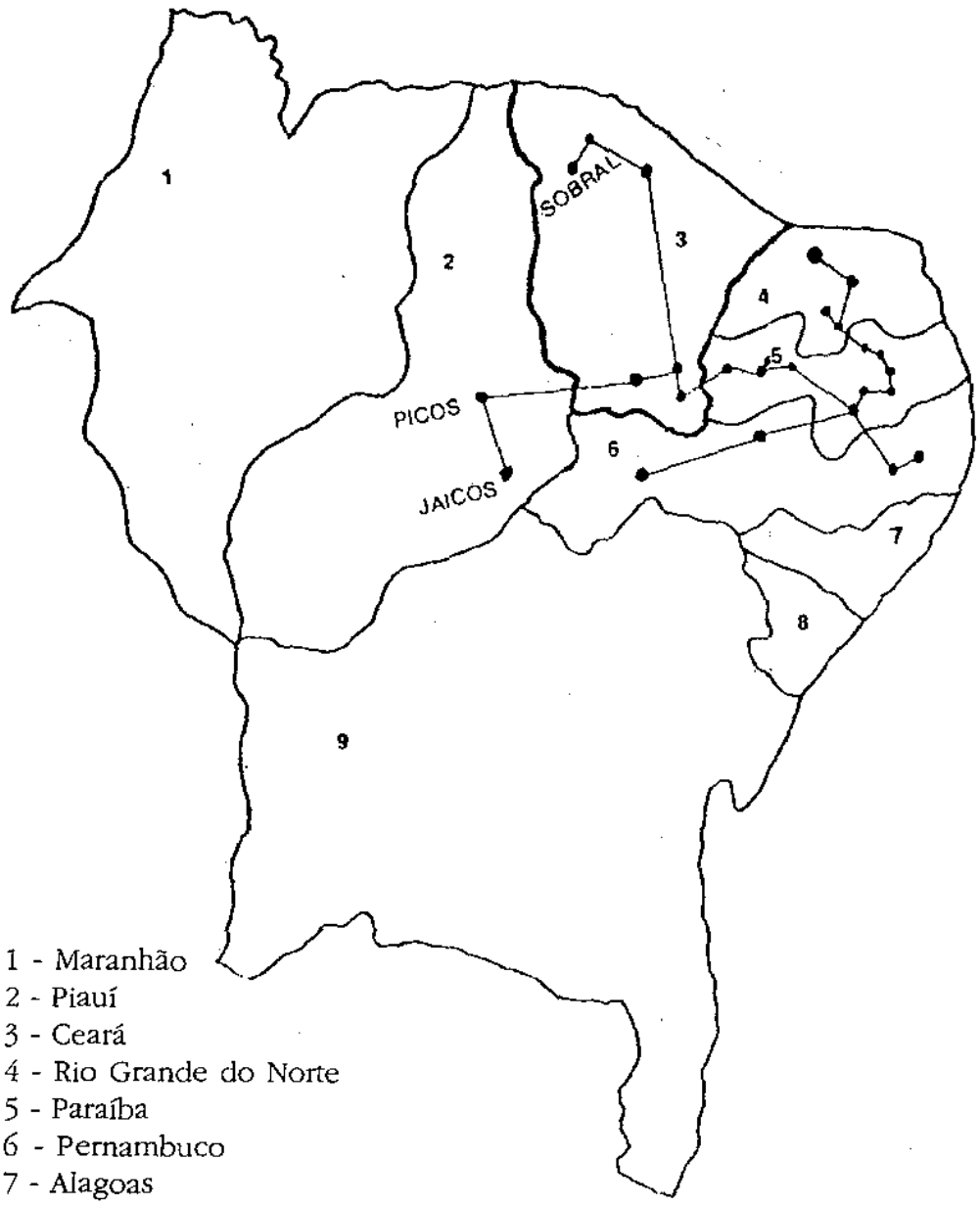
69. Choravam todos do jurado
O Promotor e o Juiz
Este exclamou como louco:
Meu Deus! Meu Deus! o que fiz
Ia matando inocente
Um miserável infeliz.

70. Ali entrou o conselho
Ibiapina saiu
Quando chegou no hotel
E o almoço pediu
Com pouco chegou o réu
Curvado a seus pés caiu.

71. Levanta-se disse o doutor:
Não tem que me agradecer,
Quem deu-lhe a vida foi Deus
O mesmo que o fez viver,
Eu apenas fiz no júri
O que Deus mandou fazer.

ITINERÁRIO DO PADRE IBIAPINA

Cidades, Vilas e Aldeias por onde passou espalhando o bem, fundando as "Casas de Caridade", construindo Cemitérios e Igrejas.



1 - Maranhão
2 - Piauí
3 - Ceará
4 - Rio Grande do Norte
5 - Paraíba
6 - Pernambuco
7 - Alagoas
8 - Sergipe
9 - Bahia